
ACABANDO COM O JUÍZO DE DEUS

ENDING WITH GOD'S JUDGMENT

Ricardo Alves Santos¹
Fábio Figueiredo Camargo²

Resumo: Neste artigo, analisaremos o poema “Iniciação de Jacó”, do poeta capixaba Waldo Motta. Os versos analisados fazem parte do projeto “erotismo sagrado” empreendido pelo autor desde a obra *Bundo e outros poemas* (1996), no qual, a partir do deslocamento daquilo que se naturalizou/ normatizou como sagrado, há uma subversão, utilizando a ambiguidade, a ironia, em puro gozo terrorista, pois a linguagem da heteronorma é deslocada, gerando novos sentidos profanos, celebrando o homoerotismo como dissidência da sociedade judaico-cristã e patriarcal.

Palavras-chave: Homoerotismo; Waldo Motta; Identidade.

Abstract: In this article, we analyze the poem “Iniciação de Jacó”, by Waldo Motta. The verses analyzed are part of the project “sacred eroticism” undertaken by the author since the work *Bundo e outros poemas* (1996), in which, from the displacement of what has been naturalized / normalized as sacred, there is a subversion, using ambiguity, irony, in pure terrorist enjoyment, since the language of heteronorma is displaced, generating new profane meanings, celebrating homoeroticism as dissent from Judeo-Christian and patriarchal society.

Keywords: Homoeroticism; Waldo Motta; Identity.

O poeta Edivaldo Motta, conhecido artisticamente como Waldo Motta, publicou, em 1996, *Bundo e outros poemas*, consagrando-se como um dos escritores terroristas da atualidade. Considera-se aqui o termo terrorista a partir da concepção de Paul B. Preciado, que afirma, citando Roland Barthes, que um texto terrorista é aquele que intervém socialmente graças à violência com que excede às leis de seu contexto social, das ideologias nas quais se insere, gerando sua própria inteligibilidade histórica. Nesse sentido, por contiguidade, o poeta capixaba é um terrorista, pois excede em sua poesia a tudo o que se configura como norma na poesia brasileira de seu tempo. O livro é estruturado em duas partes: a primeira, nomeada *Bundo*, e a segunda, *Waw*. Observamos nesta reunião uma miscelânea de poemas realizados desde os fins dos anos 1970 até os últimos anos da década de 1980. São poemas do projeto artístico de Waldo Motta, o “erotismo sagrado”, no qual promove deslocamentos dos elementos sagrados ao trazer para o espaço da sua poesia questões que subvertem a tradição lírica, já que a condição homossexual do poeta nutrirá seu exercício performático.

Apesar de ser pouco conhecido nos meios acadêmicos, Motta tem sua produção literária iniciada ainda nos anos setenta do século XX, possuindo treze obras publicadas: *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980), *O signo na pele* (1981), *As peripécias do coração* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *De saco cheio* (1983), *Salário da loucura* (1984), *Eis o homem* (1987), *Poiezen* (1990),

1 Doutorando em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia

2 Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.



Bundo e outros poemas (1996), *Cidade cidadã. A cor da esperança* (1998), *Transpaixão* (1999), *Recanto - poema das sete letras* (2002) e *Terra sem mal* (2012).

No artigo “Waldo Motta: poesia, crítica e problema”, Rodrigo Leite Caldeira apresenta-nos uma análise das obras do poeta, separando-as em fases: a da “subtração”, compreendendo os poemas dos três primeiros anos da década de 1980, nos quais, para o crítico, existe “uma tentativa brusca de mudanças sociais, políticas e amorosas, utilizando-se da palavra apenas como artefato de guerra, valendo muito mais o que se quis dizer do que como se disse” (CALDEIRA, 2009, p. 334); a da “adição”, vinculada ao livro *Salário da loucura* (1984), com o qual, para Caldeira, ao receber um prefácio escrito pela professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Deny Gomes, Waldo Motta começa a ter visibilidade no universo acadêmico, o que lhe confere “um status legitimador em âmbito local”; e, por fim, a da “divisão”, a qual se evidencia na obra *Bundo*, especificamente em sua parte homônima, quando o poeta passa a ter um público maior de leitores.

Bundo e outros poemas (1996), organizado pelas professoras Berta Waldman e Iumna Maria Simon, o que, de certa forma, deu um destaque maior, academicamente, à obra do poeta, evidencia a doutrina literária fundada por Waldo Motta. Em “Revelação e desencanto: a poesia de Waldo Motta” (2004), Iumna Simon faz a seguinte colocação sobre o que podemos encontrar nos versos do poeta capixaba:

O trabalho literário de *Bundo e outros poemas* nasce pois de uma consciência da exclusão social que pode revogar as categorias poéticas tradicionais e solicitar a reconsideração de atitudes e soluções literárias no quadro recente da poesia brasileira. Se o colapso da modernização também se dá no âmbito da arte, a questão que fica é o que podem fazer com o legado da experiência moderna aqueles setores excluídos que não usufruíram em quase nada as promessas da modernização e só sofreram, às vezes tragicamente, suas consequências, sobretudo numa sociedade tão espoliadora como a brasileira. O assunto nos dois livros reunidos neste volume é sempre o mesmo, a afirmação da homossexualidade e o antagonismo social, desenvolvido em variações temáticas e formais que se apoiam no potencial formulativo e conceitual do verso. (SIMON, 2004, p. 211).

Iumna Simon atesta-nos que a poesia de Waldo Motta parte “de uma consciência da exclusão social”, produzindo, assim, uma solução para os dramas pessoais do poeta, fato que não se restringe apenas a ele, já que as diferenciações sociais expandem-se para outros indivíduos que vivem à margem das construções heteronormativas, sendo marginalizadas e anuladas perante as “promessas da modernização”. A condição homossexual e o “antagonismo social”, como pontuado por Iumna Simon, são “elevados” no exercício do autor. A força e bravura da voz enunciativa promovem uma transposição dos elementos sagrados, fazendo de seus versos uma resposta política contra os discursos hegemônicos.

A necessidade de ter visibilidade e dialogar sobre as contradições que a democracia nos impõe



move o trabalho de Waldo Motta. A criação dele se nutre de uma vida circunscrita em adversidades produzidas por uma visão ortodoxa e burguesa acerca da sexualidade humana. O projeto “erotismo sagrado” é formulado seguindo elementos que retomam a vida de um indivíduo que está envolto em uma questão existencial e social associada ao vexame, ao despudor, à subversão, ao pecado, enfim, ao ser que não tem lugar na sociedade contemporânea. O discurso homossexual alavanca sua postura lírica e isso demarca claramente o espaço por onde sua poesia circula.

O fazer poético de Waldo Motta está associado ao conhecimento de si, na busca frenética por um processo de revelação que se reconstruirá a partir de sua religião, sua poesia: “A poesia é a minha/ sacrossanta escritura,/ cruzada evangélica/ que deflagro deste púlpito” (MOTTA, 1996, p. 79). A consagração da poesia como instância santificada e sagrada, sintetiza o aspecto (des)respeitoso do poeta, ao tratar de temas que geram ainda controvérsias na sociedade atual. A afirmação da homossexualidade e a condição social do poeta são os assuntos selecionados para os poemas que compõem *Bundo e outros poemas*, temáticas também encontradas em obras anteriores, mas agora com contornos literários mais ampliados e radicais. A espontaneidade e o descuido com a linguagem não são mais a essência do projeto literário inaugurado com esta obra, primeiro destaque do autor no âmbito acadêmico.

Ao contrário do que se possa imaginar, o leitor não encontrará nos versos de Waldo Motta apenas um texto de ordem meramente particular, caracterizado por alguns críticos como uma poesia monotemática e desbocada³. A primeira impressão talvez seja esta mesmo, mas a linguagem é extremamente bem cuidada, com contornos de grande erudição no trato com as mitologias, as quais o poeta demonstra conhecer muito bem, assim como, embora trabalhe com palavras que recorrem à representação do baixo corporal, Motta sabe trabalhá-las de forma a construir uma ourivesaria da baixaza, produzindo um excesso que beira o barroco e sua estética do desperdício.

Em *Bundo e outros poemas* temos um diálogo poético ancorado em subversões e paródias almejando desconstruir os obstáculos instituídos pelo discurso burguês e opressor, já que o foco de seu trabalho artístico se encerra naquilo que o próprio autor resolveu intitular de “erotismo sagrado”: “[...] como religião e erotismo em minha poesia sejam a mesma coisa, resolvi chamá-lo de erotismo sagrado” (MOTTA, 2000, p. 61). O altivo/ elevado/ sagrado se associa ao exercício lírico para acomodar o homoerotismo em uma instância transcendental e espiritual. Cremos que sua poesia tenha a capacidade de atribuir um outro lugar para a questão homossexual, e esta condição não heteronormativa⁴, dita profana, terá como púlpito o local considerado pela tradição literária como

3 Esta visão acerca da obra de Waldo Motta é defendida por Fábio Souza Andrade (1997) e Miguel Sanches Neto (1997).

4 A heteronorma ou heteronormatividade é o padrão sexual dos povos ocidentais determinado na/pela cultura, o qual exerce o poder de reiterar como normal apenas as relações sexuais entre pessoas de sexos diferentes. A dominação heterossexual, segundo Monique Wittig (2006), tem suas bases alicerçadas em três pilares diferenciadores dos sexos: a constituição biológica, hormonal, genética, a divisão para o trabalho e a ideia de uma natureza inata dos corpos, dessa maneira, a solidificação das distinções sexuais acabam por estabelecer uma hierarquização dos sexos e, conseqüentemente, cria-se uma estrutura promotora de diversas formas de opressão e exclusão a partir de estratégias consolidadoras da heterossexualidade. Qualquer configuração sexual que escape do binarismo (homem/ mulher) sofre alguma forma de discriminação e preconceito,



um repositório dos sentimentos mais nobres da humanidade. Dessa maneira, na lírica de Motta, o homoerotismo é reabilitado, pois sai dos becos e guetos e ganha o espaço sagrado da instância poética.

Desse modo, o poeta pode ser visto como um ativista pelo amor dos homossexuais ou um terrorista anal, conforme teoriza Beatriz Preciado (2009), pois utiliza sua poesia para positivar o sexo entre os homens, insistindo na necessidade de fazer com que a sexualidade masculina e seus afetos estejam na ordem do dia da sua poesia. Motta se coloca como um dissidente da poesia higienizada, acolhida pela academia, produzindo poemas da ordem da dissidência sexual. Ele é performativo e seus poemas vão completamente contra as normalizações da sexualidade engendradas pelo poder reinante da ordem estabelecida na cultura do patriarcado. O poeta se recusa a ver no desejo sexual homoerótico uma patologia, ou talvez por isso mesmo, em seu terrorismo anal, produz-se como monstro de seu próprio desejo. Essa subjetividade ex-cêntrica apresenta-se em sua produção poética como um modo político de exercer seu ofício. Seus poemas vão contra a ordem estabelecida pela cultura ocidental judaico-cristã, criticando completamente a heteronormatividade, operando com a subversão não só do código poético, mas rompendo com os padrões estabelecidos, profanando textos os mais diversos, principalmente a Bíblia e sua mitologia.

No poema “Iniciação de Jacó”, Waldo Motta apropria-se do mito bíblico, no qual Jacó sonha com uma escada que está entre a terra e o céu, criando a legenda que dará início às doze tribos de Israel e a ligação extrema destas com Javé. É devido ao sonho que Jacó tem a certeza da existência de um deus único, ao qual passará a servir, transformando-se no grande patriarca, pai de dez filhos, que juntamente com dois netos dele, os filhos de José, irão constituir as tribos judaicas. Este é o mito, mas o poeta contemporâneo subverte completamente a situação primordial, produzindo a partir da história mítica uma cena de iniciação sexual homossexual, reconstruída em linguagem metafórica ambígua e de fina ironia, conduzindo-nos ao caminho da revelação e do encontro com a intimidade decantada de Jacó. A expressividade do poeta conduz o leitor a visualizar o ato de profanação do corpo de Jacó, produzido pela divindade, sob a instância das forças misteriosas que operam na articulação do desejo homoerótico:

INICIAÇÃO DE JACÓ

Numa pedra Jacó buscou o apoio
para a sua cabeça e, como eleito,
descobriu o consolo dos aflitos,
o bálsamo de todo sofrimento,
encontrando a pedra fundamental,
obra-prima e trono do Obreiro.
Aquela noite, na casa de Deus
Jacó entrou, a conhecer o Esposo,

porque “a sociedade heterossexual não é a sociedade que oprime somente às lésbicas e aos gays, oprime a muitos outros/ diferentes, oprime a todas as mulheres e a numerosas categorias de homens, a todos os que estão em situação de dominados” (WITTIG, 2006, p. 53).



O excelso Esposo dos varões eleitos,
e como eleito ao seu gentil afeto,
do calcanhar à cabeça o conheceu,
corpo e alma transidos de amor.
E em seus mais íntimos recônditos
conhecendo-se Jacó e o Senhor,
aquela noite em Betel,
chamada desde sempre Luz,
cidade templo do Onipotente,
do calcanhar à cabeça, por inteiro,
Conheceu os mais íntimos aposentos
do celeste Esposo, o feliz varão
que o senhor transforma em Israel.
Ali soube Jacó, em grande enlevo
e mui grande alegria, aquela noite,
soube Jacó, em si, a via estreita,
secreta e exclusiva dos eleitos,
que une, pelo reto, a Terra aos céus
e, desvestindo os véus de seus mistérios,
desterra-nos o Céu interior.
(MOTTA, 1996, p. 55).

Jacó, personagem bíblica, é filho de Isaque e Rebeca e é irmão gêmeo de Esaú, o primogênito. Sua história é relatada no livro de Gênesis e seu nome, do hebraico Yaakov, significa o suplantador, derivando da palavra “calcanhar”. Jacó recebe este nome pelo fato de ter sido o último a nascer, segurando com a mão o calcanhar de Esaú, de quem toma o direito à primogenitura. No caminho para Harã, onde deveria desposar uma das filhas de Labão, dorme e sonha com a escada, sendo este o momento flagrado pelo poema de Motta, o qual subverte a história considerada sagrada pela cultura ocidental judaico-cristã.

São 28 versos e uma única estrofe na qual se narra o sonho de Jacó, o qual adentra as moradas do Senhor, ao ser penetrado pela divindade. No mito bíblico, Jacó sonha com uma escada que liga a terra ao céu, e Motta vai utilizar-se de seu poema como uma escada ascendente assim como ocorre no sonho de Jacó. No entanto, o poeta traz o objeto de escalada para a enunciação de seu poema, encaminhando-se da palavra “pedra”, presente no primeiro verso, chegando até o significante “Céu” do último verso. A escada é simbólica para a tradição judaico-cristã, pois indicaria a ascese dos mortais à condição de imortalidade da alma no paraíso e na eternidade. Motta, ao invés de utilizar a palavra sonho no título, escolhe a expressão “iniciação”, transformando o que é da ordem do onírico em algo mais palpável, materializado na iniciação mística e sexual de Jacó. Este é o preferido do Senhor não apenas para ser o grande chefe das tribos de Israel, mas é o escolhido do afeto do Senhor, o eleito para os deleites sexuais do Senhor. A iniciação de Jacó no poema de Motta se deu pela via do prazer sexual, e os dois, tanto Jacó quanto seu esposo excelso, gozam dos prazeres carnavais e místicos concomitantemente.



Deus é denominado no poema como o “Esposo”, o “Senhor”, o “Obreiro”, destacado como iniciador sexual, o qual garante a Jacó a consumação de seu desejo descoberto na morada sagrada daquele que proporcionou o contato com o que era interdito e incompreendido: uma relação sexual entre homens. Assim, o poema de Waldo Motta profana a história sagrada, o que se liga à sua ação de produzir um texto terrorista anal: “Texto que confronta diretamente a linguagem heterossexual hegemônica.”⁵ (PRECIADO, 2009, p. 138 – Tradução nossa). Tomando o senhor não apenas como a tradição judaico-cristã demanda, mas como aquele que é dono do corpo do outro, assim como o que ordena ao outro que se case, que constitua família e povoe a terra, reproduzindo um povo inteiro que ame e tema seu amo, o poema se constitui como arma de terror contra a ordem estabelecida pelo mito. É preciso lembrar que Jacó está indo buscar uma esposa para si, e, no poema, ele encontra um esposo, que o fará, pela via mística, ser o grande patriarca de Israel, o que só será possível a partir de sua união com uma mulher. No entanto, Motta apresenta a iniciação sexual de Jacó com o Senhor, a qual antecede ao casamento de Jacó com Lia, sua primeira esposa. Motta, portanto, desloca o sentido mítico, pois antes da união heterossexual, é da união homossexual que virá a ordem para que sua prole futura se reproduza. É da união sexual/mística, portanto, profana, de Jacó com Javé que as doze tribos irão surgir. Motta (re)produz o contrato de fé entre Jacó e Javé como uma relação sexual, indo na contracorrente da sociedade patriarcal, que não concebe a possibilidade de uma relação sexual homossexual gerar frutos. Desse modo, o poeta reescreve o mito, subvertendo completamente a ordem das coisas sagradas, profanando-as. A reprodução da prole se dá de forma simbólica, antes de se transformar em realidade verossímil dentro do mito. É como se Motta contasse o que é anterior ao mito ou aquilo que este subsumiu, interditou, recalçou para se (re)produzir.

Segundo Giorgio Agamben: “Profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Desse modo, em “Iniciação de Jacó”, o poeta Waldo Motta cria um jogo entre o alto e o baixo, já que a relação sexual homossexual de Jacó, de ordem profana, recebe um tratamento sagrado, promovendo uma “neutralização daquilo que profana”. O altivo, que outrora era sagrado e separado do universo profano dos humanos, “perde a sua aura e acaba restituído ao uso” (AGAMBEN, 2007, p. 68). O poeta, assim, usa do sagrado, profanando-o para enfatizar uma ação humana que visa à satisfação do corpo e à descoberta da sexualidade e do prazer de Jacó. Dessa maneira, profanar “não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas.” (AGAMBEN, 2007, p. 75). As angústias de Jacó são reveladas perante o deus altivo, que perde, literalmente, seu juízo, ao gozar da carne e do corpo místico de seu servo.

O novo uso dado ao elemento sagrado pode ser constatado também a partir da subversão que o poeta Waldo Motta faz ao parodiar a trajetória de um herói clássico. O tom narrativo é evidenciado

5 “Texto que confronta directamente el lenguaje heterossexual hegemónico.” (PRECIADO, 2009, p. 138)



pelas marcações espaciais “Numa pedra”, “na casa de Deus”, “Betel” e “Ali” e temporal “aquela noite” para nos contar uma história exemplar de Jacó. A transformação do herói, em sua jornada iniciática, se dá em sua entrada, virgem ainda, na casa de Deus, Betel, onde conhecerá o amor, sendo introjetado nos mistérios gozosos, tendo por consequência sua elevação, graças ao fato de Jacó ter “os véus de seus mistérios” descortinados pelo “Esposo”.

Na rasura que Motta imprime ao mito, Jacó, o suplantador, conhece o seu esposo do calcanhar à cabeça, duplamente reiterado no poema, nos versos 11, “do calcanhar à cabeça o conheceu”, e 18, “do calcanhar à cabeça, por inteiro”, o que indica um conhecimento do corpo do senhor, não apenas platônico, visto que o verbo conhecer pode indicar que alguém toma conhecimento de algo ou sabe de algo, guarda algo na memória, como também pode ser lido na acepção sexual, utilizada comumente como “conhecer no sentido bíblico”, o que significa manter relações sexuais. Motta faz uso do verbo “conhecer”, no verso 11, logo depois da expressão “do calcanhar à cabeça”, e no verso 18, a expressão “por inteiro”, faz complementação ao verbo que abre o verso 19. Essa reiteração do conhecimento de Jacó, do calcanhar à cabeça de seu esposo, é bastante ambígua e, ao mesmo tempo, por demais instigante, sobre o conhecimento bíblico de mão dupla entre Jacó e seu Senhor. É preciso levar em consideração que o nome de Jacó advém da expressão “calcanhar” o que faz com que se opere um espelhamento entre Jacó e o Senhor, pois pode-se considerar que é pelo calcanhar que se inaugura o conhecimento, na iniciação de Jacó. Assim, o espelho de Narciso, demonstra a semelhança entre os dois, a igualdade de gênero e de sexo entre Jacó e Javé, sujeitos com nomes semelhantes, compostos de duas sílabas, sendo a primeira a mesma “Ja”, assim como a tônica se dá na sílaba final. Como os seus nomes, os calcanhares de um dos sujeitos se iniciam, se conhecem, pois são tocados pelos artelhos do outro, como a lembrar que, em algum momento, alguém ficou de costas para o outro e foi conhecido desde o calcanhar até a cabeça. O corpo de Deus seria a escada vista por Jacó em sonho, mas também pode-se ler que Jacó sobe a escada, assim como o verbo subir, no sentido de elevar-se, também pode ser lido como trepar, que pode ser tomado como significado chulo indicando sentido sexual, o que mais uma vez produz a desrazão do “obreiro”.

Do calcanhar à cabeça é possível traçar uma linha reta no corpo humano, que se estende em sentido vertical, o que dá a ideia de ascensão, assim como se pode pensar na retidão do caminho percorrido a ligar o calcanhar, passando pela coluna, e chegando ao pescoço e à cabeça. Essa relação da retidão do caminho implica se pensar no próprio corpo do sujeito e de suas relações, pois se se vai do calcanhar à cabeça, do Senhor, percorrendo o caminho do corpo, do baixo ao alto. Assim também é possível pensar que Jacó vai do calcanhar, o significado de seu nome, à cabeça, à chefia das tribos de Israel.

Nos versos 19, 20 e 21 o poema nos informa: “Conheceu os mais íntimos aposentos/do celeste Esposo, o feliz varão/que o Senhor transforma em Israel”. Desse modo é possível perceber que a



metáfora sexual se produz na ideia de conhecimento do mais recôndito do Senhor, ressaltando a imagem de morada de deus, o que também deriva em corpo de deus, pois o “corpo é a morada do senhor”, conforme se pode ler em Coríntios, capítulo 3, versículos 16-17: “Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado.” Assim, Jacó, o feliz varão, penetra na carne do Senhor assim como este penetra o corpo de seu eleito. A expressão “varão”, que na língua portuguesa irá derivar na expressão “barão”, significa homem adulto, indica o sujeito do sexo masculino, advém do latim “*vir*”, tendo sua raiz na palavra “*virilis*”, que diz respeito ao masculino, que é próprio do varão. Esta expressão também é de uso corrente como “vara grande”, o que em linguagem chula indica “pênis”, podendo ser lida como órgão avantajado. Na relação tecida pelo poema, é possível ler que Jacó é um homem adulto feliz, mas também é com seu membro que ele conhece os recônditos do corpo de seu Obreiro. Novamente a ideia da união entre o celeste, o esposo, e o terrestre, Jacó transformado em Israel, se dá no poema, e o membro de Jacó se regozija, goza por isso, o que o fará seguir com seu falo, signo de poder patriarcal, a fecundar Israel: ele terá três mulheres e dez filhos, partindo de seu próprio nome, conforme dito anteriormente, Jacó, calcanhar, para ascender à condição de cabeça, patriarca, chefe das tribos.

De acordo com o poema, a revelação de Jacó se deu por “uma via estreita” e “secreta”, pelo “reto”. A ideia do caminho estreito que leva à verdade e à iluminação ou à santidade é subvertido mais uma vez pelo poema, que transforma a via do saber e do conhecimento em elemento do baixo corporal, pois localiza essa via reta no reto. Essa porção final do intestino grosso está diretamente conectada ao ânus, o que pode nos levar, por contiguidade, ao prazer sentido pelos dois sujeitos, Jacó e Javé, envolvidos na relação anal que mantêm. Desse modo a ideia de retidão, de seguir o caminho do bem, é levada diretamente ao caminho do reto e sua proximidade com o ânus, que proporciona prazer anal, gerando a subversão de toda ordem, desde a ordem religiosa, moral, à própria ordem do prazer na cultura patriarcal, a qual não permite que o deleite possa se dar nessa parte do corpo. Pensando com Georges Bataille, em *O ânus solar* (2007), e Beatriz Preciado, em “*Terror anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual*” (2009), Waldo Motta dá ao ânus o lugar que a ciência, a religião e o direito lhe negaram por muito tempo, pois, ao contrário dessas instituições, o poeta entroniza o ânus como objeto digno de respeito, causador de (des)ordem, de alegria, de deleite, que traz iluminação ao mundo.

A profanação é notada o tempo todo no poema, criando um campo de tensão permanente “entre natureza e cultura, privado e público, singular e comum” (AGAMBEN, 2007, p. 75). É da comunhão com deus que Jacó sairá transformado e ascenderá ao poder. Waldo Motta usa da história bíblica de Jacó para empreender um jogo de ordem erótica. Os versículos bíblicos nos relatam uma vida que se iniciou de maneira opressora e excluída, pois Jacó queria ser o primogênito e, ao enganar



seu pai, foi jurado de morte pelo irmão Esaú, tendo que abandonar sua vida familiar. O afastamento e a mentira fizeram de Jacó um ser angustiado que só obteve redenção quando o Senhor resolveu ouvir seu clamor e suas aflições. De certo modo, Jacó teve, no poema, suas aflições resolvidas quando seu desejo sexual reprimido foi saciado pelo seu esposo, que o leva aos céus, outra figura de linguagem muito utilizada para corresponder ao gozo sexual. As angústias são transformadas em prazer e gozo e isso, de certa forma também, nos remete à necessidade de superá-las. A experiência interior que o sujeito do poema de Waldo Motta revitaliza a partir da primeira relação homossexual de Jacó, coloca-nos no jogo recorrente que travamos com as questões que são rotineiramente conduzidas por elementos proibitivos: a angústia de transgredir o interdito e logo após estarmos enredados na mesma situação de intimidação.

Ao infringir o interdito, promovendo um novo olhar para a leitura bíblica, a história de Jacó é percorrida pelo poeta contemporâneo por via erótica e profana, numa satisfação plena do seu desejo de desajuizar o que está ordenado pela razão da tradição religiosa. O poema, ao se realizar em uma longa estrofe sugere a ideia de prolongamento da experiência sexual e do desejo. Assim, o erotismo evidenciado no poema “Iniciação de Jacó”, coloca, parafraseando Georges Bataille (1987), conscientemente, o ser em questão, já que a intimidade e a “experiência de dentro” é a energia vital que nos sustenta frente às angústias e às interdições.

A paródia realizada por Waldo Motta tem uma dependência do modelo preexistente relatado na bíblia, entretanto a ironia e o humor são suscitados a partir da subversão e da profanação operadas. Assim, o proibido passa a evidenciar algo misterioso, sublinhado pelo jogo entre o profano e o sagrado. O poeta toca neste último para libertá-lo e usá-lo de maneira profanadora e humana, deslocando o alto para uma cena sexual de consumação da carne e do prazer. Ao valer-se da história de Jacó para sua composição literária, o poeta reitera o desejo homoerótico como tema fecundo para a produção de poesia, digno de ser levado em consideração para a matéria literária. Se no mito bíblico, Jacó se passa por Esaú e deseja o lugar do irmão, na poesia de Waldo Motta, o desejo homoerótico é descortinado e revelado por um poeta que deseja tomar seu lugar no mundo, pois, não querendo ser o baixo ou tomado como apenas o calcanhar do mundo, exige ser cabeça pensante, produtora de poesia profanadora, terrorista. Nessa ação política de rasura do mito está o desejo de Waldo Motta em ser respeitado como bom poeta, assim como exige ser respeitado como cidadão.

A sexualidade no poema é forma de transgressão deliberada em que o reprimido emerge para o espaço da poesia, objeto sagrado para muitos, principalmente para aqueles que pensam que o poema, por ser objeto nobre, só deve tratar de matéria sublime. Neste espaço, o poeta se vê longe do alcance do poder, desordenando as estruturas que mantêm a normatização e a homogeneização da sociedade.

Vale destacar que o erotismo homossexual não deixa de representar uma maneira de também questionarmos os limites que se estabelecem no processo de constituição do sujeito. O poeta Waldo



Motta traz para o cenário literário uma maneira peculiar de tratar o sagrado e o profano, pois a possibilidade de conciliação destas duas esferas, aparentemente opostas, só pode ser transposta se imaginarmos o desejo como mediador da erotização. Acreditamos, assim, que o erotismo, ao se referir a uma interdição, se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, fundamento da cultura – como a sua proteção e garantia contra tendências autodestrutivas – e o seu dínamo criativo, que gera o desejo da sua própria transgressão. Um desejo de experimentar tudo aquilo que se encontra conscientemente fora do permitido, em relação ao trabalho, à morte, à sexualidade, e que fundamentalmente se relaciona com o sagrado.

“A arte é vista como expressão da consciência humana do “outro”, de um “além” que não se experimenta senão através de mediações ou indiretamente.” (SCHOLLHAMMER, 2007, p. 91-92). O jogo poético entre o sagrado e o profano realizado por Waldo Motta traduz a maneira muito peculiar, demolidora até, com que sua expressividade se volta para uma causa e uma condição particular. Essa violação realizada pelo poeta tem como objetivo abrir o ânus da cultura, fechado que está às sexualidades dissidentes. O poeta traduz uma passagem bíblica e transforma a sua angústia em arte, a qual necessita causar sérios danos à ordem religiosa e mítica constituída, tornando o Senhor em objeto de desejo, não mais como juiz que ordena, mas como sujeito erótico, homoerótico, melhor dizendo, cujo juízo se perde diante de seu feliz varão, produzindo uma nova (des)ordem.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- ANDRADE, Fábio de Souza. Gozo místico. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais. São Paulo: 07.09.1997. p. 13.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. – Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BATAILLE, Georges. *O ânus solar*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assirio e Alvim, 2007.
- BIBLIA SAGRADA. A. T. Gênesis. 34. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982. cap. 28, p. 79.
- CALDEIRA, Rodrigo Leite. Waldo Motta: poesia, crítica e problema. In: *Contexto* – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras, - n. 15 e 16. Vitória, ES: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009, p. 334-345.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*; trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- MOTTA, Waldo. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- MOTTA, Waldo. Saída para dentro. In: MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Kabungo, 1999. p. 7-10.
- MOTTA, Waldo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 59-76.



PRECIADO, Beatriz. “Terror anal” (Posfácio). In: HOCQUENGHEM, Gui. *El deseo homosexual*. Trad. Geoffroy Huard de la Marre. Santa cruz de Tenerife: Melusina, 2009. p. 133-170.

SANCHES Neto, Miguel (1997). Poesia e as subculturas do gosto. *Gazeta do povo*, Curitiba, PR, 10/03/97, In: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches13.html>>, acesso em 10/11/2011.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Valdo Motta. In: *Revista Novos estudos*, São Paulo: USP, nº 70, 2004. p. 209-233.

